

DA GRAMÁTICA NORMATIVA AO USO REAL: UMA ANÁLISE DOS PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO EM LIVROS DIDÁTICOS

FROM PRESCRIPTIVE GRAMMAR TO REAL-WORLD USAGE: AN ANALYSIS OF NOMINATIVE PERSONAL PRONOUNS IN TEXTBOOKS

Bianca Schmitz Bergmann¹, Paula Fernanda Eick Cardoso²

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-2571-0784>
biancas.bergmann@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-8405-5305>
paula.eick@ufpel.edu.br

Recebido em 05.07.2026
Aceito em 04.08.2026

Resumo: Os pronomes pessoais fazem parte do conteúdo programático da disciplina de Língua Portuguesa, especialmente no 6º ano do Ensino Fundamental, quando se trabalha com a conjugação verbal. Diversos estudos têm demonstrado que o quadro pronominal do português brasileiro está se reorganizando com a inclusão de formas inovadoras, como “você(s)” e “a gente”, e com a exclusão de pronomes, como “vós”, o que repercute em outros aspectos, como na mudança do paradigma verbal. Nesse sentido, este artigo visa analisar a representação dos pronomes pessoais do caso reto do português brasileiro em seis livros didáticos de Língua Portuguesa do 6º ano, buscando identificar tais elementos em capítulos referentes a pronomes e/ou verbos; analisar a inclusão de formas inovadoras de pronomes pessoais do caso reto; e refletir sobre as implicações pedagógicas da representação dos pronomes pessoais do caso reto nos livros didáticos analisados. Para tanto, partiu-se de autores que discutem questões sociolinguísticas, bem como de autores que estudam os pronomes a partir da tradição gramatical e a partir da variação, incluindo Bagno (2007, 2009, 2012), Bechara (2009), Rocha Lima (2011), Neves (2011, 2018), Cunha e Cintra (2017), Cegalla (2020) e Lopes (2022). Os resultados demonstram que, apesar de não incluírem as formas inovadoras nos quadros pronominais, em sua maioria as obras analisadas apresentam discussões a respeito dessas formas, propiciando uma reflexão linguística aos alunos.

Palavras-chave: Pronomes. Livros didáticos. Variação linguística.

Abstract: Personal pronouns are part of the curriculum for Portuguese language classes, especially in the 6th grade of elementary school, when students work with verb conjugation. Several studies have shown that the pronominal system of Brazilian Portuguese is being reorganized with the inclusion of innovative forms, such as “você(s)” and “a gente”, and with the exclusion of pronouns, such as “vós”, which has repercussions in other aspects, such as in the change of the verbal paradigm. In this sense, this article aims to analyze the representation of nominative case personal pronouns in Brazilian Portuguese in six Portuguese language textbooks for the 6th grade, aiming to identify such elements in chapters referring to pronouns and/or verbs; to analyze the inclusion of innovative forms of nominative case personal pronouns; and to reflect on the pedagogical implications of the representation of nominative case personal pronouns in the textbooks analyzed. For this purpose, it began with authors who discuss sociolinguistic issues, as well as authors who study pronouns from the perspective of grammatical tradition and variation, including Bagno (2007, 2009, 2012), Bechara (2009), Rocha Lima (2011), Neves (2011, 2018), Cunha e Cintra (2017), Cegalla (2020) and Lopes (2022). The results demonstrate that, despite not including innovative forms in the pronominal systems, most of the works analyzed present discussions regarding these forms, providing students with linguistic reflection.

Keywords: Pronouns. Textbooks. Linguistic variation.

INTRODUÇÃO

A língua é viva e, portanto, está em constante mudança. Como afirma Bagno (2009, p. 41), “Enquanto tiver gente falando uma língua, ela vai sofrer variação e mudança, incessantemente”. Nenhuma língua viva permaneceu sempre igual, e essa não é uma questão exclusiva do português brasileiro (PB), é uma questão geral. Os falantes realizam, consciente ou inconscientemente, variações e adaptações para tornar a língua mais adequada e satisfatória para a comunicação e a interação, mantendo-a viva e em constante mudança.

Essa mudança é inevitável e, diferentemente do que muitos afirmam, não é um problema. Os chamados puristas¹ insistem em afirmar que as variações e as formas inovadoras são erros que estão “matando” a nossa língua. Essa postura conservadora se desdobra em preconceito linguístico, um fenômeno complexo cujas raízes vão além do mero apego à norma-padrão. Conforme discute Bagno (2007, 2009), esse preconceito é alimentado por divisões socioeconômicas, históricas e culturais, funcionando como um mecanismo de exclusão social que estigmatiza os falantes e projeta sobre a língua as desigualdades de classe, de escolaridade e de origem geográfica.

Nesse âmbito, o preconceito linguístico circula na escola desde os corredores e os espaços de convivência até a sala de aula. Está na risada dos colegas quando alguém fala “errado”, na correção do professor que não reconhece a variação. Mas como isso seria diferente se muitos materiais didáticos não abordam a variação ou, quando abordam, restringem-se a casos estereotipados? Bagno (2007) afirma que os livros didáticos de Língua Portuguesa têm incorporado novos conceitos de educação linguística ao seu conteúdo. Porém, muitos relacionam variação linguística apenas com variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas (o clássico exemplo do Chico Bento), como se na fala de indivíduos urbanos e escolarizados não

¹ Entende-se aqui o purismo conforme definido por Câmara Jr. (s.d, p. 323 *apud* Mendonça, 2008, p. 171) como uma “atitude de extremado respeito às formas lingüísticas consagradas pela tradição do idioma (v.), que muitas vezes se assume na língua literária; a língua é considerada à maneira de uma água cristalina e pura, que não deve ser contaminada”. Nesse mesmo sentido, Bagno (2009, p. 30) define o purista como aquele “que defende a ‘pureza’ da língua contra todas as formas inovadoras, que são sempre consideradas como sinais de ‘decadência’, ‘corrupção’ e ‘ruína’, não só da língua como também, muitas vezes, dos valores morais da sociedade”.

houvesse variação. O autor também menciona que, ao tratar de variação, muitos desses materiais ainda solicitam que o estudante reescreva a forma variante passando para a norma culta², fortalecendo o estigma. Nesse mesmo sentido, Calindro e Rodrigues (2022) também afirmam que muitos materiais didáticos não mencionam tais variações e mudanças ou, quando o fazem, "são relegadas a notas de rodapé ou a seções à parte, em que as mudanças são identificadas, mas não são consideradas como pertencentes à norma vigente" (Calindro; Rodrigues, 2022, p. 74), o que evidencia o apego à norma-padrão³ e a resistência em reconhecer padrões que não são previstos pelas gramáticas tradicionais.

Um exemplo de variação muito presente no dia a dia de todos é o caso dos pronomes. Há tempos os pronomes "tu" e "você" coocorrem como segunda pessoa do singular, "nós" e "a gente" coocorrem como primeira pessoa do plural e "vós" é uma forma praticamente extinta de expressar a segunda pessoa do plural, sendo substituída na maioria das vezes por "vocês". É inegável para todo falante de português brasileiro que o quadro pronominal está se reorganizando, e isso não é um fato recente.

Tendo em vista essa variação pronominal e o que os autores têm afirmado a respeito dos materiais didáticos, este artigo visa analisar a representação dos pronomes pessoais do caso reto do português brasileiro em livros didáticos de Língua Portuguesa, buscando identificar tais elementos em capítulos referentes a pronomes e/ou verbos; analisar a inclusão de formas inovadoras de pronomes pessoais do caso reto; e refletir sobre as implicações pedagógicas da representação dos pronomes pessoais do caso reto nos livros didáticos analisados. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de livros didáticos de Língua Portuguesa destinados ao 6º ano do Ensino Fundamental, etapa em que é comum a abordagem da conjugação verbal

² A norma culta consiste em um conjunto de formas linguísticas efetivamente empregadas por muitos falantes, mas não reconhecidas pela norma-padrão. De acordo com Coelho, Görski, Souza e May (2018, p. 15), a norma culta é, "em geral, a língua usada pelos falantes mais escolarizados, com maior remuneração e que moram em centros urbanos. Essas pessoas, por seu *status*, comumente gozam de prestígio social, e esse prestígio é transferido para a sua fala".

³ A norma-padrão consiste em um conjunto de regras prescritivas da língua. De acordo com Bagno (2012, p. 25), "A norma-padrão não é um modo de falar: como o próprio termo padrão implica, trata-se de um modelo de língua, um ideal a ser alcançado, um construto sociocultural que não corresponde de fato a nenhuma das muitas variedades sociolinguísticas existentes em território brasileiro".

e, conseqüentemente, dos pronomes pessoais do caso reto como elementos fundamentais.

1. PRONOMES: DEFINIÇÕES E CARACTERIZAÇÃO

Para Neves (2018, p. 464), o pronome pessoal é "uma palavra referencial, isto é, sua função básica é fazer referência a uma das pessoas do discurso (referência pessoal)". A autora destaca que "pessoa" não se refere exclusivamente ao ser humano, mas é uma indicação gramatical, conhecida como "pessoa do discurso" ou "pessoa gramatical". De acordo com Neves (2018), as três pessoas gramaticais clássicas correspondem aos papéis do discurso: a primeira pessoa refere-se a quem fala (eu/nós), a segunda aponta para o interlocutor direto (tu/você/vós/vocês) e a terceira indica o ser de quem se fala (ele/ela/eles/elas).

Segundo Neves (2011), os pronomes pessoais têm natureza fórica, ou seja, fazem referência pessoal a alguém ou a algo referido no texto (principalmente pronomes de terceira pessoa) ou a um dos interlocutores (principalmente os pronomes de primeira e segunda pessoa). Além disso, a autora destaca o traço definidor dos pronomes pessoais: "sua capacidade de identificar de forma pura a **pessoa** gramatical, já que os outros **pronomes** que têm relação com a **pessoa gramatical**, como os **possessivos** e **demonstrativos**, fazem alguma outra relação" (Neves, 2011, p. 450, grifos da autora).

Neves (2018) destaca que a função referencial dos pronomes pessoais se define na interação, quando representam os papéis do discurso, e no texto, quando garantem coesão textual. Além disso, devido à sua natureza referenciadora, os pronomes pessoais têm função na oração, exercendo uma função sintática. É aqui que se distinguem os pronomes pessoais retos — exercem a função de sujeito ou predicativo do sujeito — e os pronomes pessoais oblíquos — exercem a função de complemento. Destaca-se que o objeto de análise deste trabalho são os pronomes pessoais do caso reto, ou seja, aqueles que podem exercer a função de sujeito.

De acordo com Lopes (2022, p. 106), o pronome "se distinguiria semanticamente dos nomes pelo seu caráter indicativo ou mostrativo (dêitico), que se oporia ao caráter representativo (simbólico) da outra classe [dos substantivos]". A

tradição afirma que os pronomes podem substituir nomes. Porém, Lopes (2022) destaca que isso não ocorre com todos os pronomes (por exemplo, os oblíquos não podem substituir nomes) e que, na realidade, os pronomes pessoais do caso reto substituem o sintagma nominal completo, não apenas o nome (por exemplo, o pronome "ela" pode substituir o sintagma nominal em "Aquela menina que nunca falta a aula tirou 10 na prova" -> "Ela tirou 10 na prova").

Na seção a seguir, serão apresentados os pronomes pessoais do caso reto, objeto de pesquisa deste trabalho, a partir de diferentes autores, desde as perspectivas mais tradicionais até as que incluem as formas inovadoras.

2. PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO: NORMA PADRÃO E USOS REAIS DA LÍNGUA

As gramáticas normativas, defensoras da norma padrão, seguem um modelo de quadro pronominal inalterado há muitos anos, o famoso: eu, tu, ele, nós, vós, eles. A seguir, são apresentadas apenas algumas gramáticas normativas a título de exemplificação, pois em sua maioria não variam quanto à definição dos pronomes nem quanto ao quadro pronominal apresentado e defendido.

Rocha Lima (2011, p. 156) define os pronomes pessoais como termos que representam as três pessoas do discurso sem nomeá-las, limitando seu quadro oficial estritamente às formas recomendadas pela norma-padrão. Sobre as formas inovadoras, o autor classifica "você" como pronome de tratamento familiar e a forma "a gente" não é incluída.

Cegalla (2020) segue nessa mesma direção, abordando apenas os seis clássicos pronomes e sem mencionar o raro uso de "vós", tampouco a coocorrência de "tu" e "você" ou de "nós" e "a gente". Bechara (2009) vai ao encontro de Cegalla (2020), apresentando o quadro dos pronomes pessoais do caso reto apenas com: eu, tu, ele, nós, vós, eles. Apesar disso, classifica "você" como forma de tratamento familiar; faz a substituição de "vós" por "vocês" em muitos casos; e emprega "a gente" fora da linguagem cerimoniosa, "em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta [pessoa] sozinha" (Bechara, 2009, p. 140).

Cunha e Cintra (2017) apresentam os pronomes pessoais caracterizando-os por três principais pontos: denotarem as três pessoas gramaticais (quem fala, com quem se fala e de quem se fala); representarem uma forma nominal expressa anteriormente (na 3ª pessoa); e variarem de forma a partir da função sintática e da acentuação. Em relação à função, apresentam a distinção entre as formas reta e oblíqua: são chamados de retos quando desempenham a função de sujeito e de predicativo do sujeito e de oblíquos quando exercem a função de complemento. No quadro de pronomes pessoais apresentado pelos autores, o padrão normativo se mantém: eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas.

Apesar de não incluir “você” no quadro pronominal, os autores o classificam na lista de pronomes de tratamento, ainda com uma visão tradicional. Mais adiante, exploram o emprego de “tu” e “você”, informando que, no Brasil, “o uso de tu restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte” (Cunha; Cintra, 2017, p. 306), tendo sido substituído na maioria do país por “você”. Esse, segundo os autores, também é empregado “fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior” (Cunha; Cintra, 2017, p. 306). Quanto ao pronome “a gente”, os autores o apresentam como substituto de “nós” e de “eu” na fala coloquial.

Percebe-se, a partir das obras de referência selecionadas, que essas gramáticas normativas tendem a manter as formas inovadoras fora de seus quadros pronominais oficiais. Nos manuais analisados, observa-se a persistência em classificar “você” prioritariamente como pronome de tratamento (em vez de pronome pessoal reto), relegando as discussões sobre esses novos usos a menções breves e pouco aprofundadas ao longo do texto. Lopes (2022) afirma que as gramáticas normativas não apresentam uma visão única sobre a forma “a gente”: “ora consideram a gente como ‘fórmula de representação da 1ª pessoa’, forma de tratamento, pronome indefinido ou, ainda, recurso para indeterminar o sujeito” (Lopes, 2022, p. 105). Ainda sobre essas gramáticas, Lopes (2022) afirma que algumas consideram “você” como forma de tratamento de 3ª pessoa, enquanto outras o definem como estratégia de 2ª pessoa ou pronome de tratamento de 2ª pessoa.

O estudo da gramática normativa segue sendo relevante, considerando que contextos de escrita monitorada exigem o domínio da norma padrão. Porém, é

importante ir além, abordando não só a Gramática Normativa, mas também o que a Linguística apresenta sobre os usos reais da língua. Lopes (2022, p. 106) afirma que o quadro de pronomes pessoais apresentado nas gramáticas normativas "está longe de ter uma coerência interna e de dar conta da realidade concreta do português do Brasil. Urge uma revisão".

Nesse sentido, a Linguística e algumas Gramáticas Descritivas têm se dedicado a observar e entender as regularidades no uso dos pronomes pessoais do caso reto em português brasileiro, que muitas vezes são formas inovadoras "que não estão contempladas nas gramáticas normativas, mas que já foram incorporadas há muito tempo nos usos de todos os brasileiros, inclusive dos chamados falantes 'cultos'" (Bagno, 2009, p. 25-26). Diferentes estudiosos (Bagno, 2009, 2012; Neves, 2011, 2018; Lopes, 2022) têm apresentado os pronomes para além dos quadros pronominais, discutindo os reais usos dos pronomes no português. Tais autores, apresentados a seguir, reconhecem os pronomes apresentados pela norma padrão, mas também incluem as formas inovadoras ("você(s)" e "a gente") e discutem a substituição de outras formas (como "vós").

Iniciando pelo caso de substituição, Neves (2011) menciona o pronome "vós" sendo usado em estilo cerimonioso. Desse modo, ela observa que o pronome "vós" se encontra restrito a contextos altamente formais, litúrgicos ou literários, tendo sido amplamente substituído por "vocês" no uso corrente do português brasileiro, fato também ratificado por Lopes (2022) e Bagno (2009)

Lopes (2022) demonstra como a inclusão de "você" e "a gente" no quadro pronominal do PB desencadeou diversas repercussões. A autora demonstra como esses pronomes surgiram a partir de nomes ou expressões nominais: "a gente" surgiu do substantivo "gente", enquanto "você" surgiu do tratamento "Vossa Mercê". Ou seja, passaram da categoria de nomes para as categorias de pronomes, sendo chamadas pela autora de formas pronominalizadas.

Em relação aos pronomes você e vocês, Neves (2011) destaca que, apesar de se referirem à 2ª pessoa, acompanham o verbo conjugado em 3ª pessoa, semelhantemente ao que acontece com os pronomes de tratamento. Nesse mesmo sentido, Lopes (2022, p. 103) afirma que "persiste a especificação original de 3ª pessoa, embora a interpretação semântico-discursiva passe a ser de 2ª pessoa".

A respeito dos usos de “tu” e “você”, Neves (2011) afirma que “você” é “muito mais difundido do que o emprego de **TU**, para referência ao **interlocutor**” (Neves, 2011, p. 458, grifos da autora). Para Lopes (2022), há diferentes usos nas diversas regiões do país.

Uma das repercussões do uso de “você” é a coocorrência de formas de segunda e terceira pessoa em um mesmo enunciado (como “você” e “te/teu”), fenômeno tratado pelos puristas como mistura de tratamento, mas que se configura como um processo natural de mudança no PB (Neves, 2011; Lopes, 2022).

Bagno (2012) afirma que “não tem nenhuma justificativa a persistência da gramática normativa em classificar ‘você’ como ‘pronome de tratamento’, já que ele é, de fato, o índice de segunda pessoa mais empregado em todo o Brasil” (Bagno, 2012, p. 184). O autor afirma que o pronome “você” passou de sintagma nominal para índice de pessoa ao mudar de “Vossa Mercê” para “você”. Além dessa mudança sintática, Bagno ainda menciona que houve mudanças fonológicas até chegar ao pronome que usamos atualmente, bem como mudanças discursivas, já que antes era empregado como forma de tratamento a reis e, atualmente, é empregado entre as mais diversas pessoas.

Em relação à coocorrência com “tu”, Bagno (2012) afirma que esse está restrito a algumas variedades regionais e/ou a algumas camadas sociais. Ele afirma ainda que “Em todos os lugares onde se emprega o tu também se emprega o você, mas a recíproca não é verdadeira” (Bagno, 2012, p. 752). Dessa forma, o autor explicita que “tu” é uma forma marcada, enquanto “você” é não marcada, o que faz com que os meios de comunicação prefiram o emprego de “você”. Além disso, em relação à conjugação verbal, a forma conservadora é considerada marcada (tu falas; tu falaste), enquanto a forma sem tais marcas é considerada não marcada (tu fala; tu falou).

Bagno (2009) também observa que a escolha entre o uso de “tu” ou “você” muitas vezes depende da modalidade da língua — escrita ou falada. Ele afirma que, no uso da linguagem escrita, os falantes do português brasileiro tendem a empregar os verbos no modo imperativo na terceira pessoa do singular (diga; faça; abra). Já na linguagem falada, independentemente da região de origem dos falantes, prevalece o uso da forma em segunda pessoa do singular (diz; faz; abre).

Passando à forma inovadora "a gente", apesar de não a incluir no quadro de pronomes pessoais, Neves (2011) dedica uma seção a abordá-la. Segundo a autora, "a gente" é empregado como pronome pessoal na linguagem coloquial com diversas finalidades: "para referência à **primeira pessoa do plural** (=NÓS) [...] para referência genérica, incluindo todas as **pessoas** do discurso" (Neves, 2011, p. 469, grifos da autora). Além disso, a autora afirma que, em alguns casos, se realiza a concordância plural com "a gente".

Lopes (2022) reforça que a conjugação verbal com "a gente" geralmente ocorre na terceira pessoa do singular, ou seja, "A gente gosta de comer chocolate". Porém, em alguns casos de português não-padrão, há ocorrências de "a gente" com o verbo conjugado a partir da primeira pessoa do plural, ou seja, "A gente gostamos de comer chocolate". Em outros casos, apesar de a flexão do verbo ocorrer na terceira pessoa do singular, o uso de outros pronomes como nosso(a) revela a relação do pronome "a gente" com a primeira pessoa do plural, como em "A gente organizou a festa e nossos pais nos levaram" ou, ainda, pode haver a presença de outro verbo concordando com a primeira pessoa do plural, como em "A gente organizou a festa e compramos os docinhos".

A autora menciona que "nós" e "a gente" têm coocorrido, apesar de "a gente" avançar mais em alguns contextos do que em outros. Além disso, ela destaca que estudos têm demonstrado que os falantes têm preferido empregar "nós" para usos mais restritos (eu + interlocutor ou a não-pessoa), enquanto têm usado "a gente" para contextos referências mais genéricos.

Bagno (2012) afirma que, na primeira pessoa do plural, há coocorrência entre "nós" e "a gente", ao passo que entre os jovens o emprego da forma "nós" é bem reduzido. Para o autor, a escola e os livros didáticos (quando incluem a forma inovadora) buscam explicitar uma distinção entre as duas formas, defendendo que "nós" seria empregado em contextos mais monitorados, enquanto "a gente" seria empregado em contextos mais coloquiais. Contudo, essa distinção não passa de prescrição normativa, segundo o autor.

Em relação à conjugação verbal, Bagno (2012) afirma que a conjugação de "a gente" com as formas verbais correspondentes a "nós" (a gente dissemos, a gente vamos) é menos frequente do que supõem os puristas. Apesar disso, o linguista

demonstra a partir de exemplos que, nas variedades urbanas de prestígio, é possível verificar “as formas verbais de ‘nós’ com referência ao sujeito ‘a gente’ no prosseguimento do enunciado” (Bagno, 2012, p. 743), como em “Nós gostávamos de ler romance, então a gente decidiu comprar aquele lançamento”.

Essa mudança no paradigma pronominal também repercutiu em mudanças no paradigma verbal. Lopes (2022) demonstra que se passou de seis para três formas básicas, conforme pode ser visto no Quadro 1:

Quadro 1 – Paradigma tradicional x paradigma a partir das mudanças

PARADIGMA TRADICIONAL		PARADIGMA A PARTIR DAS MUDANÇAS	
Eu	canto	Eu	Canto
Tu	cantas	Tu	Canta
		Você	
Ele	canta	Ele	
Nós	cantamos	A gente	
Vós	cantais	Vocês	Cantam
Eles	cantam	Eles	

Fonte: adaptado de Lopes (2022).

Essa mudança no paradigma verbal leva à necessidade de explicitar o sujeito, já que não é possível identificar a pessoa pela desinência verbal. Assim, Lopes (2022) afirma que “são várias as alterações morfosintáticas: introdução de novas formas pronominais, simplificação da flexão verbal e preenchimento obrigatório do sujeito” (Lopes, 2022, p. 104).

Bagno (2012) também aborda as mudanças no paradigma verbal. O autor menciona que uma série de mudanças contribuiu para isso: a generalização do uso de “você”, o desaparecimento das formas verbais de “vós”, o surgimento de “a gente” e o emprego de “senhor(a)” como forma de tratamento respeitoso. Dessa forma, simplificou-se o paradigma verbal e, por exemplo, “uma forma verbal como falava poderia corresponder a eu, você, ele, ela, a gente, o senhor, a senhora” (Bagno, 2012 p. 162). Ele ainda destaca que essa mudança é semelhante à que ocorreu em línguas como francês e inglês, exigindo que o sujeito seja explicitado, e que no PB se generalizou, uma vez que, mesmo com o pronome “tu”, muitas vezes é usada a forma verbal correspondente à terceira pessoa do singular. Essa mudança é compreendida por Bagno (2012) como uma eliminação da redundância da concordância verbal: “em vez de indicar a pessoa duas vezes, com o índice pessoal e com a flexão, o princípio

da economia linguística se aplica, restringindo a indicação morfológica somente a um dos elementos do sintagma" (Bagno, 2012, p. 164).

Tendo toda essa discussão como pano de fundo, é importante refletir sobre como a mudança no paradigma pronominal pode ser abordada na educação. Lopes (2022) afirma que os manuais didáticos, ao tratarem dos pronomes pessoais, raramente incluem as formas inovadoras, apesar de elas estarem sendo implementadas há muitos anos no PB. Além disso, reforça que tal mudança tem sido notada não somente na fala, mas também em textos escritos.

Para a autora, é incontestável que é necessário incluir essas formas inovadoras na aula de Língua Portuguesa, afinal, é o que os alunos usam. Isso não descarta as formas prestigiadas pela norma, mas aproxima os alunos da língua que eles verdadeiramente conhecem. Dessa forma, para Lopes (2022), é importante incluir ambos, a descrição tradicional e a situação atual, conforme adaptado no Quadro 2:

Quadro 2 – Pronomes a partir da descrição tradicional e da situação atual

PESSOA	DESCRIÇÃO TRADICIONAL	SITUAÇÃO ATUAL
P1	eu	eu
P2	tu	tu/você
P3	ele/ela	ele/ela
P4	nós	nós/a gente
P5	vós	vocês
P6	eles/elas	eles/elas

Fonte: adaptado de Lopes (2022).

A autora defende que o ensino deve envolver os dois quadros, mostrando o que a tradição apresenta, mas também explorando a situação atual e todas as consequências a partir das formas inovadoras. Essa proposta vai ao encontro do que também defende Bagno (2012, p. 985):

O reconhecimento da norma culta real não deve servir de base para um novo tipo de prescrição e repressão linguísticas. É preciso adotar a posição do convívio democrático e tranquilo entre as formas tradicionalmente padronizadas e as formas inovadoras já incorporadas à atividade linguística dos falantes urbanos. Não vamos praticar uma prescrição às avessas: rejeitar as formas tradicionais para aceitar exclusivamente as inovadoras. Na prática linguística falada e escrita, existe lugar para todas elas.

Nesse sentido, é muito importante que a sala de aula de língua materna seja um espaço de reflexão linguística, em que a gramática seja estudada, mas não como um conjunto de regras inquestionáveis e imutáveis. Abordar a variação linguística e

as formas inovadoras dos pronomes pessoais do caso reto em sala de aula é uma possibilidade de envolver os alunos na análise linguística de forma que se reconheçam como usuários conhecedores de sua própria língua materna.

Tendo isso em vista, passa-se à seção de metodologia, seleção e análise dos livros didáticos a fim de observar, nesse pequeno *corpus*, como os pronomes têm sido apresentados, tanto quanto à descrição tradicional quanto à situação atual.

3. OS PRONOMES NOS LIVROS DIDÁTICOS: METODOLOGIA, SELEÇÃO E ANÁLISE

Esta pesquisa adota uma abordagem metodológica de natureza qualitativa (Bortoni-Ricardo, 2008), pois seu objetivo não é produzir generalizações estatísticas, mas investigar um caso específico com o intuito de aprofundar a compreensão sobre a representação dos pronomes pessoais do caso reto do português brasileiro em livros didáticos de Língua Portuguesa.

A relevância de investigar o livro didático justifica-se por sua abrangência nacional e por seu papel estruturante na rotina das aulas de Língua Portuguesa. Contudo, reconhece-se que as obras apresentam um recorte estático diante das múltiplas variedades linguísticas reais faladas no Brasil. Diante disso, destaca-se que o livro didático não atua de forma autônoma, sendo um artefato de apoio cuja eficácia pedagógica depende essencialmente da mediação do professor, o verdadeiro agente capaz de contextualizar os conteúdos e promover uma reflexão linguística democrática em sala de aula.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizada pesquisa bibliográfica de livros didáticos de Língua Portuguesa destinados ao 6º ano do Ensino Fundamental, etapa em que é comum o estudo dos pronomes e da conjugação verbal. A escolha do ano justifica-se por permitir a observação de como esses pronomes são introduzidos e contextualizados tanto individualmente quanto em relação ao uso dos verbos, considerando que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) registra a seguinte habilidade, destinada ao 6º ano: “(EF06LP04) Analisar a função e as flexões de substantivos e adjetivos e de verbos nos modos Indicativo, Subjuntivo e Imperativo: afirmativo e negativo” (Brasil, 2018, p. 171). Calindro e Rodrigues (2022) também

mencionam que é no 6º ano do Ensino Fundamental que os estudos morfológicos da língua são introduzidos, incluindo as noções de classes de palavras e, consequentemente, de pronomes.

Os livros foram selecionados no acervo da sala 113 do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O acervo encontra-se na sala dos professores da área de Língua Portuguesa, disponível para docentes e discentes consultarem. A partir dos livros disponíveis, foram selecionadas obras de diferentes anos de publicação, a fim de observar a abordagem dos pronomes em diferentes momentos. Para tanto, foram selecionados dois livros publicados em 2012; dois publicados em 2015; um publicado em 2018; e um publicado em 2022. Esse recorte temporal acompanha de forma aproximada os intervalos de avaliação e distribuição do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) voltados aos anos finais do Ensino Fundamental.

A análise foi realizada a partir do livro do aluno, considerando a forma como os conteúdos são apresentados diretamente aos estudantes. O foco da investigação se deu em capítulos e/ou seções que explorassem os pronomes e/ou a conjugação verbal, contexto em que a apresentação dos pronomes pessoais do caso reto é comum e esperada. Nas análises, foram observados aspectos como a menção às formas inovadoras e/ou a sua inclusão no quadro pronominal; o tratamento de "tu"/"você" e "nós"/"a gente"; a abordagem a respeito do pronome "vós"; e como a variação linguística é apresentada — como pretexto para prescrição ou como um fato comum da língua. A partir da seleção dos livros didáticos, foram realizadas as análises e desenvolvidas as discussões e reflexões acerca dos aspectos já descritos, conforme segue.

Na obra *Jornadas.port* (Delmanto; Carvalho, 2012), em cada capítulo, há uma seção intitulada “Reflexão sobre a língua”, dedicada a aspectos gramaticais. Ao apresentar os pronomes, as autoras mencionam que uma das suas principais características consiste na “capacidade de indicar, apontar, retomar ou substituir os nomes de pessoas, seres vivos, objetos, lugares, situações” (Delmanto; Carvalho, 2012, p. 202).

O livro apresenta as pessoas do discurso (quem fala, com quem se fala e de que(m) se fala) e explicita dois tipos de pronomes: os pronomes substantivos

substituem o nome, enquanto os pronomes adjetivos acompanham o nome. Aqui relembra-se o que foi mencionado por Lopes (2022): os pronomes não substituem nomes, mas sintagmas nominais completos, o que não foi mencionado no material em questão.

Os pronomes pessoais são apresentados a partir da função específica de substituir as pessoas do discurso. Em seguida, apresenta-se o quadro relacionando as pessoas do discurso e os pronomes pessoais, os quais são aqueles tradicionalmente apresentados nas gramáticas (eu, tu, ele, nós, vós, eles), sem as formas inovadoras. Ressalta-se que o pronome “tu” está destacado e sobre ele as autoras apontam que “é mais empregado nas regiões Sul e Nordeste. Em outras regiões, em vez de tu é mais comum o emprego da palavra você” (Delmanto; Carvalho, 2012, p. 204). Essa observação possibilita que o aluno compreenda que a forma “você” também é utilizada, apesar de não constar no quadro pronominal do livro. Porém, mostra-se o “tu” restrito a apenas algumas regiões, enquanto Bagno (2012) afirma que seu uso também pode variar de acordo com camadas sociais. Além disso, não se menciona que, em alguns locais e em algumas situações, “tu” e “você” podem coocorrer (Bagno, 2012) e que, às vezes, a modalidade da língua pode definir qual deles será empregado (Bagno, 2009).

Em seguida, divide-se os pronomes pessoais entre retos (substituem as pessoas do discurso) e oblíquos (referem-se às pessoas do discurso). Ao apresentar exemplos dos pronomes oblíquos, é destacada a mistura de tratamento a partir do uso do pronome “lhe”, referente à terceira pessoa, para se referir à pessoa com quem se fala (a segunda). Esse caso foi analisado como uma “mistura” que, segundo as autoras, é muito comum entre os falantes brasileiros. Porém, não é realizado nenhum julgamento ou prescrição a respeito disso, o que vai ao encontro do que defendem Bagno (2009) e Lopes (2022), que apresentam essa “mistura” como um fenômeno natural da língua.

A respeito do pronome “vós”, é apresentado um cartaz divulgado em Portugal em que essa forma é usada. A partir desse exemplo, esclarecem que esse pronome e seus respectivos pronomes oblíquos são pouco usados no Brasil, estando restritos a textos bíblicos e literários e sendo muitas vezes substituído por “vocês”. Nesse sentido, o material corrobora o que apresentam Neves (2011), Bagno (2009) e Lopes

(2022), para os quais “vós” tem se restringido a contextos muito específicos. A forma “você”, por sua vez, é classificada como pronome de tratamento “entre interlocutores que se tratam com familiaridade” (Delmanto; Carvalho, 2012, p. 208), o que vai ao encontro do que é defendido pelas gramáticas normativas.

Acerca da forma “a gente”, só aparece nos exercícios que são sugeridos em seguida. Após a apresentação de um trecho de uma notícia da Folha de São Paulo em que há ocorrência de “a gente”, o exercício solicita que os alunos reescrevam o trecho alterando o pronome para “nós” e fazendo as modificações necessárias. Após, solicita-se o mesmo em outras frases descontextualizadas. Por fim, questiona-se se tais substituições tornaram as frases mais formais ou informais. Destaca-se que, já no enunciado da atividade, é afirmado que “A expressão destacada [a gente], mesmo não sendo um pronome, tem a função de um pronome no texto” (Delmanto; Carvalho, 2012, p. 211, grifo nosso). Ou seja, desde o enunciado já se retira a forma “a gente” da classe dos pronomes, considerando-a como um “não-pronome”. Além disso, os exercícios reforçam a ideia de que a forma “a gente” não é boa/correta e que deve ser substituída, pois aumenta a informalidade, o que privilegia as formas tradicionais e reforça o estigma às formas inovadoras.

No capítulo que trata dos verbos, o quadro pronominal tradicional é mantido. Porém, são incluídas algumas informações sobre as formas inovadoras: primeiramente, afirma-se que a expressão “a gente” é muito empregada no lugar do pronome “nós” tanto na escrita quanto na fala. Além disso, destaca-se que os pronomes “tu” e “vós” são restritos a “algumas regiões e a situações extremamente formais (sermões religiosos, por exemplo)” (Delmanto; Carvalho, 2012, p. 254) e que, na maioria das regiões do país, são substituídos por “você” e “vocês”. Essas informações propiciam uma reflexão linguística, falhando apenas em não mencionar a possibilidade de coocorrência das formas “tu” e “você” em alguns contextos (Bagno, 2012).

Na obra *Português: linguagens* (Cereja; Magalhães, 2012), em todos os capítulos, a seção “A língua em foco” apresenta questões gramaticais. Na seção sobre pronomes, eles são definidos como “palavras que substituem ou acompanham um nome, principalmente o substantivo” (Cereja; Magalhães, 2012, p. 194). Quando

substituem o nome, são chamados de pronomes substantivos; quando acompanham o nome, são chamados de pronomes adjetivos.

Em relação aos pronomes pessoais, são definidos como aqueles que indicam as pessoas do discurso (o locutor — quem fala; o locutário — com quem se fala; o assunto — de que(m) se fala). Ao apresentar o quadro dos pronomes pessoais, retos e oblíquos, são incluídas apenas as formas tradicionais. Porém, em seguida, o livro apresenta um quadro chamado “contraponto”, em que se aborda que muitos estudos têm defendido a inclusão de “você”, “vocês” e “a gente” no quadro de pronomes pessoais, já que têm sido cada vez mais utilizados. Reforça-se que o pronome “vós” já foi muito utilizado no passado, mas que atualmente se restringe a “situações muito formais, como em textos jurídicos, bíblicos e políticos” (Cereja; Magalhães, 2012, p. 196). Além da substituição de “vós” por “vocês”, também é mencionada a substituição de “tu” por “você”, segundo as autoras, pela influência da televisão. Essa abordagem segue o que defendem Bagno (2012) e Lopes (2022), para quem é necessário incluir tanto a descrição tradicional quanto a situação atual, a fim de proporcionar uma reflexão linguística. Destaca-se apenas aqui que não é indicada a possibilidade de coocorrência entre “tu” e “você”, o que é apresentado por Bagno (2012).

Seguindo o que prescrevem as gramáticas normativas, “você”, é incluído no quadro de pronomes de tratamento, tendo seu uso indicado para pessoas íntimas. Em seguida, porém, é apresentada uma discussão linguística sobre o emprego de “tu” x “você”. Informa-se que não há preferência, pois as duas formas são válidas, “embora muitas pessoas atualmente empreguem você para se dirigir ao interlocutor, em algumas cidades e Estados brasileiros predomina o emprego do pronome reto tu” (Cereja; Magalhães, 2012, p. 198).

Além disso, indica-se que é comum ocorrer a mistura das duas formas de tratamento e lembram que, caso se deseje usar a língua de acordo com a norma padrão, é importante escolher apenas uma das formas. Dessa maneira, mantém-se o equilíbrio entre apresentar que essa “mistura” é comum (Bagno, 2009), mas orientar que em contextos monitorados é necessário seguir o que prescrevem as gramáticas normativas.

Ao trabalhar com os verbos, os pronomes “você” e “vocês” são incluídos nos exemplos de conjugação, diferentemente do que se observou na seção sobre

pronomes. Além disso, destaca-se que, apesar de “você” desempenhar o papel de segunda pessoa do discurso, sua conjugação deve seguir a terceira pessoa, conforme o que foi apresentado por Neves (2011) e Lopes (2022).

No livro *Universos: língua portuguesa* (Pereira; Barros; Mariz, 2015), a organização tem foco no texto e em gêneros textuais. Ao final, há uma seção chamada “Mais gramática”, na qual os alunos podem aprofundar e consolidar o conhecimento sobre diferentes aspectos da língua. Ao longo do material, há caixas de texto indicando quando podem recorrer a essa seção.

Apesar de tratar de classes de palavras, a obra não focaliza em pronomes. Contudo, ao tratar dos verbos, os pronomes pessoais estão presentes. A seção é constituída basicamente por exercícios, nos quais é possível identificar alguns pontos. O primeiro é a presença da forma “a gente” como primeira pessoa tanto do singular quanto do plural e uma questão reflexiva sobre o uso de “a gente” com o verbo conjugado a partir de “nós”: “Tente responder à pergunta: Por que muitas pessoas colocam o verbo no plural quando usam a gente?” (Pereira; Barros; Mariz, 2015, p. 216). Partindo de uma questão, propõe-se uma reflexão sobre a relação entre a forma inovadora “a gente” e o pronome tradicional “nós”, seguindo a correlação proposta por Neves (2011), Bagno (2012) e Lopes (2022). Em relação a “você”, é incluído como pronome pessoal referente à segunda pessoa, o que está de acordo com o quadro de situação atual proposto por Lopes (2022).

É possível notar que o material se preocupa em abordar as formas inovadoras e a variação linguística de forma reflexiva. As autoras partem da criação de um verbo inventado (“funtar”), que não existe de fato na língua, para trabalhar a consciência verbal dos alunos. Para tanto, apresentam diversos exemplos de construções com tal verbo, incluindo tanto o quadro pronominal tradicional quanto o quadro com as formas inovadoras. Assim, demonstram que um não precisa substituir o outro, mas que ambos são importantes, conforme afirmam Bagno (2012) e Lopes (2022). A partir do quadro, propõem algumas reflexões. Primeiramente, a comparação entre a quantidade de flexões do verbo no paradigma tradicional e no inovador, o que leva os alunos a refletirem sobre a mudança no paradigma verbal a partir da inclusão das formas inovadoras, conforme visto em Bagno (2012) e Lopes (2022). Além disso, o livro propõe um diálogo sobre as formas mais usadas na região em que o estudante

vive — tu/você; nós/a gente; vós/vocês —, levando à constatação pelos próprios alunos de que as diversas formas são usadas em diferentes contextos, sendo todas válidas e importantes (Bagno, 2009, 2012).

Em seguida, continuando com o verbo inventado, solicita-se aos alunos que o conjuguem nas pessoas do verbo apresentadas no quadro. O verbo já está conjugado no passado, devendo ser conjugado também no presente e no futuro. A atividade propicia o desenvolvimento da consciência verbal e morfológica, mas focando em nosso objeto de análise é interessante observar como as autoras reúnem, em um só quadro, as formas tradicionais e as formas inovadoras dos pronomes: eu (1ª pessoa do singular); tu/você (2ª pessoa do singular); ele/ela (3ª pessoa do singular); nós/a gente (1ª pessoa do plural); vós/vocês (2ª pessoa do plural); eles/elas (3ª pessoa do plural).

Em *Projeto Teláris* (Borgatto; Bertin; Marchezi, 2015), há seções intituladas “Língua: usos e reflexões”, dedicadas à análise de estruturas linguísticas. Os pronomes pessoais são definidos como “palavras que substituem substantivos” (Borgatto; Bertin; Marchezi, 2015, p. 163). Em seguida, afirmam que eles indicam as pessoas do texto ou as pessoas do discurso.

Ao apresentar os pronomes pessoais referentes a cada pessoa, são incluídas formas tradicionais e formas inovadoras. Na primeira pessoa, eu/nós/a gente; na segunda pessoa, tu/vós/você/vocês; na terceira, ele/ela/eles/elas. Apesar da relevância de terem incluído todas as formas, percebe-se o equívoco em afirmar que, “no Brasil, em algumas regiões é usado tu/vós; em outras, os pronomes tu e vós são substituídos por você/vocês” (Borgatto; Bertin; Marchezi, 2015, p. 164), uma vez que autores já demonstraram que, em alguns casos, “tu” e “você” coocorrem (Bagno, 2012). Além disso, tal explicação parece demonstrar que, onde se usa “tu”, se usa “vós”, o que não condiz com a realidade: como o “vós” tem se restringido a contextos muito específicos, nos casos em que se usa “tu” como forma singular se usa “vocês” como forma plural (Bagno, 2009; Neves, 2011; Lopes, 2022).

Em relação à forma “a gente”, o livro menciona que tem substituído “eu” e “nós” “na linguagem cotidiana, sobretudo nas situações mais informais, embora possa também ser observada, especialmente na língua falada, em situações mais formais” (Borgatto; Bertin; Marchezi, 2015, p. 164). Por fim, destacam que há gramáticas que

recomendam que se evite essa forma em situações comunicativas muito formais. Dessa maneira, apresentam a forma inovadora, mas reforçam que em determinados contextos é necessário observar o que prescrevem as gramáticas normativas.

No quadro pronominal, aparecem somente as formas tradicionais. Porém, as autoras destacam que são os pronomes pessoais apresentados tradicionalmente nas gramáticas. Logo em seguida, em uma seção chamada “No dia a dia”, trata-se das variações de uso, destacando que há variedades de uso dos pronomes em português brasileiro. Primeiramente, tratam da expressão “a gente”, lembrando que é usada como forma de substituir “eu” e “nós”, mas que também pode ter outros usos. Para tanto, apresentam a seguinte construção: “Eu gostaria que você viajasse comigo porque **a gente** não se sente bem sozinho em lugares novos” (Borgatto; Bertin; Marchezi, 2015, p. 165). A partir dessa frase, solicita-se que, em duplas, os alunos conversem sobre o sentido da expressão “a gente” em tal construção a partir das alternativas: “Quem fala, o eu, referindo-se a si mesmo; A expressão refere-se apenas ao eu e à pessoa com quem está falando; As pessoas em geral” (Borgatto; Bertin; Marchezi, 2015, p. 165). Nesse trecho, leva-se os alunos a refletirem sobre a forma “a gente” para além de simples substituta de eu/nós, mas como a forma indeterminada apresentada por Lopes (2022).

Em seguida, ainda na mesma seção, aborda-se os pronomes você, tu e vós. Apesar de chamar “você” e “vocês” de pronomes de tratamento, conforme prescrevem as gramáticas normativas, reconhecem que essas formas substituem os pronomes “tu” e “vós” em algumas regiões do Brasil. Contudo, não mencionam a possibilidade de coocorrência de “tu” e “você”. Em relação a “vós”, ainda destacam que está praticamente em desuso, sendo empregado apenas em textos religiosos e bíblicos ou em textos antigos (seguindo o que defendem Bagno, 2009; Neves, 2011; Lopes, 2022).

Destaca-se o uso do “tu” em alguns lugares do Norte, Nordeste e Sul do Brasil e reforça-se que, na linguagem cotidiana, muitas vezes ocorre o emprego “misturado” dos pronomes, a famosa “mistura de tratamento” (Bagno, 2009). Após apresentar alguns exemplos, demonstra-se como ficariam as construções se o uso pronominal fosse uniformizado apenas com “tu” e apenas com “você”. Por fim, esclarece-se que, em textos formais, deve-se seguir o que prescreve a gramática normativa, ou seja,

não “misturar” as pessoas gramaticais. Destaca-se, porém, que isso não é o que ocorre na linguagem coloquial.

Na obra *Geração alpha língua portuguesa* (Costa; Marchetti, 2018), há seções chamadas de “Língua em estudo” para tratar de questões gramaticais. Uma dessas seções é dedicada aos pronomes pessoais e aos pronomes de tratamento. A seção envolve breves explicações, trechos de textos e tirinhas, além de alguns exercícios. A partir do material, os pronomes são definidos como “palavras que **substituem, fazem referência** ou **acompanham** substantivos e outras formas nominais (nomes)” (Costa; Marchetti, 2018, p. 178).

Após, são retomadas as pessoas do discurso, acompanhadas de exemplos de pronomes que se referem a cada uma delas, todos descritos tradicionalmente. Nesse momento, não há menção a nenhuma forma inovadora. Na página seguinte, ao focar nos pronomes pessoais, as autoras explicitam que há dois tipos diferentes: os do caso reto e os do caso oblíquo, porém sem esclarecer o motivo pelo qual existe essa diferença. Em sequência, apresentam o quadro dos dois tipos de pronomes pessoais de acordo com as pessoas do discurso, mais uma vez sem incluir nenhuma das formas inovadoras.

Em seguida, são introduzidos os pronomes de tratamento com uma tirinha do Garfield em que Jon utiliza a forma “a gente” e Garfield utiliza a forma “você”. Em relação ao primeiro, “a gente”, há apenas uma questão sobre qual pronome pessoal do caso reto tal expressão está substituindo. Em relação a “você”, menciona-se que esse emprego reforça a informalidade da situação comunicativa na tirinha e o classifica como um pronome de tratamento usado para pessoas íntimas, seguindo o que prescrevem as gramáticas normativas.

Após a apresentação dos demais pronomes de tratamento, o livro traz uma breve discussão sobre o uso de “você” e “tu”:

De acordo com as regras gramaticais, as duas formas, *tu* e *você*, são válidas. No entanto, em situações de uso formal da língua, é importante não misturar os dois pronomes: ou se opta pelo uso de *tu*, ou pelo uso de *você* (que corresponde à segunda pessoa, mas o verbo é flexionado na terceira pessoa) (Costa; Marchetti, 2018, p. 181, grifos das autoras).

Apesar de incluírem a possibilidade de uso de ambos, “tu” e “você”, parecem apresentar a reflexão apenas como pretexto para tratar da mistura de tratamento,

destacando que se deve evitá-la em contextos formais. Ao tratar dos verbos, também em uma seção chamada “Língua em estudo”, os pronomes são brevemente mencionados. Destaca-se que os verbos flexionam a partir das pessoas do discurso e do número, trazendo como exemplos apenas os seis pronomes pessoais tradicionais: eu, tu, ele, nós, vós, eles.

Em *SuperAÇÃO!* (Júlio; Bertolotti, 2022), não há um capítulo dedicado especificamente aos pronomes. Porém, como era previsto, a obra envolve o estudo dos verbos e, nesse capítulo, é possível observar os pronomes a partir do trabalho com a conjugação verbal.

Em uma das seções intituladas “Língua e linguagem”, as autoras abordam o conteúdo dos modos verbais. Ao apresentar a conjugação verbal a partir do quadro pronominal, percebe-se que, além dos pronomes já apresentados tradicionalmente, são incluídos “você” e “vocês”. A forma “você” foi incluída juntamente com ele/ela e “vocês” foi incluída com “eles/elas”. Pensando na conjugação verbal, essas formas inovadoras de fato seguem a flexão de 3ª pessoa: ele/ela/você fala; eles/elas/vocês falam. No entanto, é importante observar que, pensando na pessoa do discurso, “você” e “vocês” referem-se à segunda pessoa. Nesse caso, caberia uma observação para explicitar esse aspecto, conforme mencionam autoras como Neves (2011) e Lopes (2022). A forma inovadora “a gente” não é apresentada nesse livro.

Tendo em vista o que foi observado nos livros analisados, é possível sintetizar as análises no Quadro 3:

Quadro 3 - Síntese comparativa da representação pronominal nas obras analisadas

OBRA	ESTATUTO DE “VOCÊ(S)”	ABORDAGEM DE “A GENTE”	PARADIGMA VERBAL
Jornadas.port (2012)	Pronome de tratamento; substituto regional de “tu”	Classificado como não-pronome; exercícios de reescrita para “nós”	Tradicional (6 pessoas)
Português: linguagens (2012)	Pronome de tratamento, mas com quadro de contraponto linguístico	Fora do quadro; mencionado como uso crescente no contraponto	Tradicional, com menção às formas inovadoras no quadro contraponto
Universos (2015)	Pronome pessoal de 2ª pessoa	Objeto de reflexão morfológica e concordância verbal	Formas tradicionais e inovadoras
Projeto Teláris (2015)	Pronome de tratamento; substituto de “tu” em algumas regiões	Substituto de “eu/nós” com reflexão sobre indeterminação	Tradicional (formas inovadoras fora do quadro oficial)

Geração alpha (2018)	Pronome de tratamento associado estritamente à informalidade	Abordado em tirinha apenas como substituto de "nós"	Tradicional (6 pessoas)
SuperAÇÃO! (2022)	Integrado como sujeito de conjugação ao lado de ele/ela	Ausente	Misto (inclui "você/vocês" na conjugação verbal)

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

A análise comparativa do *corpus* revela que, conforme postula Santos (2025), há uma nítida ausência de consenso editorial sobre a inclusão das formas inovadoras nos quadros de referência. De um lado, obras como *Universos* (2015) e *SuperAÇÃO!* (2022) assumem uma postura mais progressista ao integrar "você" ao paradigma pronominal e verbal, alinhando-se à proposta descritiva de Lopes (2022) de trabalhar conjuntamente a tradição e a situação real. De outro, livros como *Jornadas.port* (2012) e *Geração alpha* (2018) perpetuam a rigidez normativa clássica, definindo "você" estritamente como pronome de tratamento (classificação apontada por Bagno (2012) como cientificamente injustificável diante da realidade do PB) e tratando "a gente" como um desvio que requer correção por reescrita. Essa oscilação corrobora a crítica de Calindro e Rodrigues (2022) de que os materiais didáticos tendem a relegar as inovações a seções marginais e caixas de curiosidades em vez de assumir a convivência democrática entre as formas tradicionais e inovadoras defendida por Bagno (2012), Neves (2011) e Lopes (2022).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, foram apresentadas diversas perspectivas a respeito dos pronomes pessoais do caso reto, desde as mais tradicionais até as mais inovadoras. A partir do objetivo de analisar como tais pronomes eram representados em livros didáticos de Língua Portuguesa, foram selecionados e analisados seis livros destinados ao 6º ano. Apesar de não incluírem as formas inovadoras nos quadros pronominais, em sua maioria as obras analisadas apresentam discussões a respeito dessas formas, propiciando uma reflexão linguística aos alunos. Ainda há muito a avançar e aperfeiçoar, mas esse é um início promissor para que gramática normativa e usos reais da língua andem lado a lado no ensino de língua materna.

Como limitação deste estudo, destaca-se o recorte do *corpus*, restrito a seis livros didáticos voltados para o 6º ano do Ensino Fundamental. Por se tratar de uma

abordagem de natureza estritamente qualitativa, as análises não têm a pretensão de gerar generalizações estatísticas sobre o universo de materiais didáticos disponíveis no país. Adicionalmente, devido aos limites de extensão do artigo, não foi possível expandir a discussão para realizar um diálogo comparativo sistemático com outros trabalhos empíricos de temática semelhante. A investigação priorizou, metodologicamente, o confronto direto entre o referencial teórico sociolinguístico e a representação pronominal contida nas obras que compõem esta amostra.

Apesar das limitações, este artigo contribui para a bibliografia sobre os pronomes e as mudanças no paradigma pronominal no português brasileiro. Além disso, colabora com a formação de professores de língua materna levando à reflexão sobre as abordagens do conteúdo nas aulas de Língua Portuguesa, relacionando o que os gramáticos e linguistas têm constatado e como os livros didáticos têm explorado tais questões. Por fim, contribui para um ensino de língua materna mais democrático, que propicie ao aluno o acesso às formas prestigiadas, mas que também reconheça as suas variedades linguísticas, combatendo o preconceito linguístico, propiciando a segurança linguística e garantindo que o aluno perceba a língua de sala de aula como a **sua** língua.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, M. **Não é errado falar assim!** em defesa do português brasileiro. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, M. Norma linguística, hibridismo & tradução. **Traduzires**, v. 1, n. 1, 2012, p. 9-32.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORGATTO, A. M. T.; BERTIN, T. C. H.; MARCHEZI, V. L. C. **Projeto Teláris: português**: ensino fundamental 2. 2. Ed. São Paulo: Ática, 2015.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CALINDRO, A. R. V.; RODRIGUES, P. Pronomes pessoais e mudança linguística na sala de aula: uma abordagem concreta. *In*: GUESSER, S.; RECH, N. F. **Gramática e aquisição**: propostas para o professor da educação básica. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2020.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C.. **Português: linguagens**, 6º ano: língua portuguesa. 7. Ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N.; MAY, G. H. **Para conhecer Sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

COSTA, C. L.; MARCHETTI, G. **Geração alpha língua portuguesa**: ensino fundamental: anos finais: 6º ano. organizadora SM Educação; obra coletiva, desenvolvida e produzida por SM Educação; editora responsável Andressa Munique Paiva. 2. Ed. São Paulo: Edições SM, 2018.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DELMANTO, D.; CARVALHO, L. B. **Jornadas.port** – Língua Portuguesa, 6º ano. 2. Ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

JÚLIO, S. R.; BERTOLETTI, M. L. **SuperAÇÃO! português**: 6º ano. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2022.

LOPES, C. R. Pronomes pessoais. *In*: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022. p. 103-119.

MENDONÇA, M. C. O purismo lingüístico na mídia brasileira na passagem do século XX para o século XXI. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 25, 2008. p. 169-191

NEVES, M. H. M. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos de português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PEREIRA, C. S.; BARROS, F. P.; MARIZ, L. **Universos: língua portuguesa**, 6º ano: anos finais: ensino fundamental. Organizadora Edições SM; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida por Edições SM; editor responsável Andressa Munique Paiva. 3. Ed. São Paulo: Edições SM, 2015.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SANTOS, A. A. S. Reorganização do paradigma pronominal no português brasileiro: um olhar especial para a primeira pessoa do plural. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, v. 25, n. 1, p. 109-127, jan./abr. 2025. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/16286>. Acesso em: 14 maio 2025.

Sobre as autoras

Bianca Schmitz Bergmann

Doutoranda em Letras na linha de concentração Aquisição, Variação e Ensino pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeI). É mestra em Letras e graduada no curso de Bacharelado em Letras - Redação e Revisão de Textos e na Licenciatura em Letras - Português pela mesma instituição. Tem como principais áreas de pesquisa: Sintaxe, sintagma nominal, ordenação de adjetivos, Línguas em Contato e línguas minoritárias.

Paula Fernanda Eick Cardoso

Realizou estágio pós-doutoral no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É doutora e mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Coursou Licenciatura em Letras pela Universidade Federal de Pelotas, onde atualmente atua como docente no Centro de Letras e Comunicação. Possui experiência no ensino de Língua Portuguesa, com ênfase em Sintaxe, e desenvolve atividades de orientação e supervisão de Estágio Curricular em Cursos de Licenciatura, buscando articular os conhecimentos teóricos à prática pedagógica no ambiente escolar. Desenvolve pesquisas na área da Linguística, com foco em Gramática e Sintaxe da Língua Portuguesa. Seus estudos incluem também a análise da estrutura do sintagma nominal, com especial atenção ao posicionamento dos adjetivos e aos mecanismos de concordância nominal.